



ISSN da publicação: ISSN 2175-6880 (Online)

Anais do Evento 2010

Volume 10

Trabalhos apresentados no Grupo de Trabalho 10 - Ruralidades e Meio ambiente

Coordenadores:

Prof. Dr. Alfio Brandenburg (UFPR)

Prof. Dr. Dimas Floriani (UFPR)

Prof. Dr. Osvaldo Heller da Silva (UFPR)

Prof. Dr. José Luiz Fernandes Cerveira Filho (UFPR)

Ada Otoni dos Reis Ferreira

Daniela Sant'Anna

Ementa: Conflitos socioambientais de envergadura local, nacional e internacional; governança global e mudanças climáticas; nova ruralidade, dilemas socioambientais e novos atores sociais (consumidores, agricultores, camponeses, povos tradicionais e suas organizações); políticas públicas ambientais e rurais; aspectos teórico-metodológicos da relação sociedade-natureza; novos temas emergentes elencados a partir do debate sobre desenvolvimento e meio-ambiente; geração de energia, estilo de vida e consumo; desenvolvimento de novas fontes de captura de energia (agroenergia, bioenergia, etc.).



A AGRICULTURA NO MUNICÍPIO DE BOM JARDIM, RJ:

Entre a sustentabilidade e a precarização do trabalho

Julio Roberto Pinto Ferreira da Costa, Ana Paula Dias Turetta, Guilherme Kangussu Donagemma e
Fabiano de Carvalho Balieiro

RESUMO

De forma a se compreender os processos sociais rurais com ênfase na cooperação entre o saber técnico-científico e os saberes locais, enfoca-se o mundo da vida dos agricultores como um espaço onde se pode estabelecer a situação ideal de fala habermasiana, instaurando-se a força do melhor argumento como fundamento para a pesquisa participativa. Objetiva-se viabilizar, com a participação ativa dos agricultores, a produção agrícola sustentável no Município de Bom Jardim, Estado do Rio de Janeiro, de forma a se conseguir produtos diferenciados, de boa colocação no mercado, capazes de remunerar dignamente o agricultor e, por via de melhores práticas de manejo, conservar o meio ambiente. Planeja-se utilizar a pesquisa participativa de forma a se trabalhar com o agricultor sem desqualificar o seu conhecimento local e seu mundo da vida, em um projeto desenvolvido pela Embrapa e parceiros em Bom Jardim, sendo a pesquisa participativa fundamentada principalmente nos trabalhos de Paulo Freire e Michel Thiollent. No cenário atual, o município conta com uma produção hortícola majoritariamente em sistema de agricultura familiar, porém o sistema de manejo de seus recursos naturais não adota práticas conservacionistas, o que acarreta problemas ambientais e socioeconômicos. Sua produção apresenta pouco beneficiamento local, tornando-se menos competitiva em relação aos municípios vizinhos. A mão-de-obra de Bom Jardim progressivamente torna-se escassa, pois a população jovem sente-se atraída por ocupações não-agrícolas, de maior retorno financeiro a curto prazo. Inicia-se um ciclo vicioso de abandono da atividade agrícola, onde a busca por soluções imediatas leva à precarização do trabalho ou à proletarização. Em ambos os casos, o produtor estabelece uma relação nova com a sociedade, nem sempre vantajosa devido à perda de sua identidade como agricultor e dos valores relacionados a essa identidade, tendo de reelaborar sua inserção social. O projeto de pesquisa considera que a produção agrícola sustentável pode reverter esse quadro.



misturada a um arenito zeolítico. Melhor produtividade e maior qualidade das hastes das roseiras foram obtidas quando a mistura foi usada. Ou seja, a simples mistura física do mineral foi capaz de melhorar a eficiência da adubação nitrogenada e da qualidade do produto.

Deve-se ressaltar que, embora os produtores visitados estejam ávidos por informações que possam melhorar seus sistemas de produção, o histórico de falta de retorno por parte dos técnicos a essas comunidades imprime um caráter desafiador para o trabalho da Embrapa, que vem tentando com seu Núcleo de Pesquisa e Treinamento para Agricultores (NPTA – sediado em Nova Friburgo), atuar de forma sinérgica com lideranças locais, de forma participativa.

2. INDIVÍDUOS QUE DEIXAM A AGRICULTURA PARA O COMÉRCIO: OPÇÕES PRECÁRIAS DE TRABALHO

A agricultura do Município de Bom Jardim não possui uma competitividade similar à de outros municípios da Região Serrana, porém a condição socioeconômica do produtor rural está acima da linha de pobreza. Como afirmou um professor do ensino médio em relação à evasão escolar dos adolescentes que se tornam ajudantes de sacoleiro, eles não abandonam a escola porque precisam ajudar os pais, ou começam a trabalhar porque correm o risco de passar fome. Os pais podem perfeitamente satisfazer suas necessidades de moradia, alimentação e vestuário, e podem comprar livros e material escolar; o que os pais não podem comprar é uma motocicleta ou as roupas de grife. Pode-se conceber que a proximidade de Nova Friburgo como um pólo de indústria têxtil crie uma expectativa de consumo muito alta, que pressiona Bom Jardim, de modo que, como diversas vezes relatado, as pessoas sentem vergonha de trabalhar na agricultura, em contraposição ao modo de vida mais tipicamente urbano de Nova Friburgo. Mas como Bom Jardim possui uma indústria incipiente, a demanda pelo consumo teria de ser satisfeita pelo trabalho no setor de serviços, onde se inclui o comércio. Neste contexto, é pertinente descrever a ocupação de sacoleiro, para se compreender melhor sua relação com a evasão de uma agricultura que oferece pouca remuneração.



2.2 – O ajudante de sacoleiro menor de idade: trabalho infanto-juvenil

Em relação ao ajudante de sacoleiro menor de idade, deve-se esclarecer que o adolescente de Bom Jardim percebe o sacoleiro como a pessoa que tem um bom carro, uma boa moto, que se veste bem, está sempre com dinheiro, e o toma como modelo, sonhando em um dia ser sacoleiro. O adolescente não tem como focar a sua percepção no cansaço e nos riscos, pois não é isso que ele percebe quando vê o sacoleiro de folga em sua casa em Bom Jardim. Assim, é o próprio adolescente que decide deixar os estudos para se oferecer a trabalhar como ajudante de sacoleiro, normalmente a partir da faixa de 14-15 anos de idade.

Deve-se ressaltar que a partir dos 14 anos completos o menor pode trabalhar na condição de aprendiz, mas para se caracterizar essa condição é preciso haver carteira assinada, o que não é o caso no trabalho do sacoleiro em geral.

V., professor do ensino médio em uma das vilas de Bom Jardim, relata que meninos de 15 anos ganham R\$200,00 por semana como ajudantes de sacoleiro. Esse fato desmotiva os estudantes de continuarem estudando, e, segundo V., muitas vezes os pais aceitam sem problemas que o filho se torne ajudante de sacoleiro, permitindo que eles viajem. Alguns pais inclusive têm critérios para escolher com qual sacoleiro o filho irá trabalhar. Quando os pais resistem e forçam o filho a continuar estudando, o adolescente começa a tirar notas baixas de propósito, demonstrando que não quer estudar, até que os pais aceitem que ele deixe os estudos. Existe também o fato de que, apesar de os pais serem capazes de sustentar o filho, não podem pagar por seus sonhos de consumo (como, por exemplo, uma motocicleta), e assim consentem que ele trabalhe. Por esse ponto de vista, os adolescentes de Bom Jardim podem ser considerados consumistas, e V. afirmou que atualmente não é possível diferenciar, pelas roupas e aparência, entre um menino da área rural e um menino da cidade de Nova Friburgo.

V., não apenas enquanto professor mas também morador da vila, conhece as famílias dos meninos e encontra-os também fora da situação de sala de aula, e relata que alguns adolescentes se arrependem de ter parado de estudar, mas não se arrependem de ter trabalhado, e disse que nenhum dos que se tornou ajudante de sacoleiro voltou a estudar. Quando V. conversava com algum adolescente de modo a estimulá-lo a continuar estudando, recebia como resposta a indagação:

10



“estudar para quê? O cara com que eu vou trabalhar ganha muito mais do que você.” – e é uma realidade que os sacoleiros ganham mais do que os professores. Quando o adolescente desiste de ser sacoleiro normalmente é por um acontecimento grave, como um assalto, por exemplo, mas nesses casos ele volta para trabalhar na agricultura.

Segundo V., não resta dúvidas de que o trabalho como ajudante de sacoleiro é prejudicial para a formação do adolescente, não apenas pelo abandono dos estudos, mas pelo contato com drogas que se realiza nas periferias das cidades onde as mercadorias são vendidas. O fato é que ocasionalmente os sacoleiros participam, nessas periferias, de festas e “noitadas”, aonde acontece o contato com as drogas. V. relata que, na vila onde reside e trabalha, os usuários de maconha são exclusivamente os adolescentes que abandonaram os estudos e foram trabalhar como ajudantes de sacoleiro; como agravante desse quadro, tem-se que muitos adolescentes, na viagem de volta, trazem drogas das periferias das cidades para a vila.

Um outro aspecto que se deve ressaltar é que os adolescentes, quando voltam para a vila, gostam de falar das viagens que fizeram enquanto ajudantes de sacoleiros e têm orgulho de dizer os lugares onde estiveram, pois na percepção deles, e dos outros adolescentes que os ouvem e que raramente viajam, isso tem o valor de uma aventura – ainda mais se for levado em consideração que os jovens têm vergonha de trabalhar na lavoura.

3. ABORDAGEM PARTICIPATIVA DO PROJETO DA EMBRAPA JUNTO COM OS AGRICULTORES LOCAIS

Para uma comunicação mais eficaz com as populações beneficiárias e usuárias das inovações tecnológicas, a ferramenta da pesquisa participativa é a que oferece resultados mais confiáveis e duradouros. A prática da pesquisa participativa pode ser vista como um esclarecimento do sujeito em relação à historicidade de sua vivência em uma sociedade que produz exclusão social, junto à busca do consenso possível, entre os diversos indivíduos e grupos, pela via da comunicação sem impedimentos que está disposta a acolher os melhores argumentos em prol do bem comum.

A Embrapa tem a pesquisa participativa como um dos fundamentos na prospecção de diretrizes e demandas na pesquisa, principalmente no âmbito da agroecologia:



3.2 Habermas: a ação comunicativa enquanto racionalidade do mundo social

Habermas irá levar em consideração o mundo da vida enquanto uma instância que, para preservar a legitimidade das relações humanas, não pode ser contaminada pelas características determinísticas, coercitivas e reducionistas dos sub-sistemas da economia e da política. Essa legitimidade liga-se à veracidade e sinceridade da interação dos atores sociais quando agem sem coerção, no que Habermas denomina de **situação ideal de fala**. É essa situação ideal de fala que fornece condições para o esclarecimento e validação das proposições de verdade no interior do mundo social. Ela pode ser caracterizada do seguinte modo:

- 1) Todos os participantes em uma situação ideal de fala devem ter oportunidades iguais de argumentar e contra-argumentar, mediante perguntas, respostas, intervenções, réplicas etc.;
- 2) Todos os participantes devem ter igual oportunidade de formular interpretações, afirmações, recomendações, dar explicações e justificativas, de modo que nenhum prejulgamento ou preconceito escape da tematização e da crítica;
- 3) Todos os participantes devem ter oportunidades iguais de expressar suas posições, sentimentos e desejos; essa é uma condição da sinceridade dos atos de fala, de modo que haja transparência, e os participantes sejam verídicos com si próprios e com os outros;
- 4) Todos os participantes devem atuar em igual oportunidade de se posicionarem e de exigir esclarecimentos sobre o posicionamento dos outros, de iniciar, continuar e esclarecer um questionamento, sem privilégios de quaisquer natureza no decorrer do processo, agindo com publicidade, não-violência, autenticidade e distribuição equitativa das oportunidades de argumentação. (Reese-Schäfer, 2009, p. 24-25).

No contexto da situação ideal de fala, e em toda a Teoria do Agir Comunicativo de Habermas, a única relação de força aceitável é **a força do melhor argumento** (Pinent, 2004, p. 4-5).



uma atitude voluntarista, pelo contrário, são vivenciados pelos atores sociais como parte integrante da pesquisa dentro da interação participativa com as populações locais.

3.4 A convergência das propostas de emancipação

Tanto em Paulo Freire como em Habermas temos enfatizada a importância do relacionamento fundamentado no diálogo, onde nesse diálogo os falantes se comportam como iguais, pois são iguais na sinceridade de sua expressão. Em Paulo Freire, o ser humano busca o seu **ser mais**, que só pode ser encontrado na comunhão com os demais em uma relação de liberdade:

“A educação, portanto, implica em uma busca realizada por um sujeito que é o homem. (...) Por outro lado, a busca deve ser algo e deve traduzir-se em ser mais: é uma busca permanente de “si-mesmo” (...) Sem dúvida, ninguém pode buscar na exclusividade, individualmente. Esta busca solitária poderia traduzir-se em um ter mais, que é uma forma de ser menos. Esta busca deve ser feita com outros seres que também procuram ser mais e em comunhão com outras consciências (...)” (Freire, 1984, p. 28).

Em Habermas, existe a busca pela razão que se exprime na linguagem e na competência comunicativa dos indivíduos:

“Na proposta habermasiana, a razão é procedimental, pois, serão racionais não as proposições que correspondem à verdade objetiva, mas aquelas que foram validadas num processo argumentativo. Por isso, entende-se que o conceito ora analisado, ao apontar para a capacidade de agir sem coações e de produzir consensos mediante a fala argumentativa, permite que a linguagem estabeleça um entendimento não só acerca dos objetos, mas também sobre normas e formas de vida que podem ser justas ou injustas. Daí a possibilidade de representar um viés emancipatório.” (Bastos e Oliveira, 2006, p. 8).

Michel Thiollent, em sua proposta de pesquisa-ação, torna explícita uma forma programada de interação, onde o problema dos pesquisados é assumido pelos pesquisadores como uma causa da pesquisa como um todo.



4. O PAPEL SOCIAL DE UMA AGRICULTURA SUSTENTÁVEL

O desenvolvimento social pressupõe a superação de antigos arranjos patrimonialistas e clientelistas em um modelo de sociedade onde a cidadania seja um valor a ser ativamente buscado. Por essa mesma linha, a sustentabilidade da agricultura – e da atividade humana ligada a ela – é um fator de dignidade das populações rurais, que em todos os momentos em que se viram expropriadas de sua fonte de renda na pequena produção rural, encontraram-se submetidas a condições precárias de trabalho em atividades periféricas à economia das cidades:

“As gerações vitimadas por uma sociologia a serviço da difusão de inovações, cuja prioridade era a própria inovação, ainda estão aí, legando aos filhos que chegam à idade adulta os efeitos de uma demolição cultural que nem sempre foi substituída por valores sociais incluídos, emancipadores e libertadores: ou legando aos filhos o débito social do desenraizamento e da migração para as cidades ou para as vilas pobres próximas das grandes fazendas de onde saíram, deslocados que foram para cenários de pouca oportunidade e nenhuma qualidade de vida”. (Martins, 2001, p. 31).

Por essa razão, a ocupação de “sacoleiro” ou “ajudante de sacoleiro” deve estar sujeita à uma crítica fundamentada na raiz de sua existência, ou seja, a agricultura com manejo inadequado e de baixa produtividade. Pelo levantamento social realizado, deve-se colocar que essas ocupações não podem ser consideradas como uma alternativa válida à uma agricultura sustentável. Nesse contexto, o trabalho da Embrapa, na medida em que propicia o manejo conservacionista e a consequente fixação do homem no campo, em Bom Jardim e em diversas localidades da Região Serrana, tem a sua relevância também pelos seus resultados sociais.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, E. S., ANDRELLO, A.C., APPOLONI, C.R., RESENDE, A.S., CAMPELLO, E.F.C., BODDEY, R.M., URQUIAGA, S., ALVES, B.J.R. Avaliação do Manejo Agrícola Adotado em Propriedade Familiar da Região Serrana Fluminense quanto ao Potencial de Conservação do Solo. Circular Técnica, 15. **Embrapa Agrobiologia**, 2006. 4 p.

